

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 28 - número 55 - março 2019



a Modernidade Musical é um excelente contributo para um trabalho mais informado por parte dos intérpretes musicais da obra de Fernando Lopes-Graça. Do mesmo modo, a partilha de Mário Vieira de Carvalho, profundo conhecedor da obra e do pensamento de Lopes-Graça, avivará o interesse de melómanos e curiosos pela música daquele que foi um dos mais importantes compositores portugueses.

Margarida Teixeira Neves

Unidade I&D Instituto de Estudos Filosóficos
nevesmargarida87@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_55_9

Ricardo Petracca, *Música e Alteridade: uma abordagem bakhtiniana*. Curitiba: Appris, 2018, 166pp. ISBN: 978-85-473-1825-3

Ricardo Petracca, Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), compositor e professor, publicou em Agosto de 2018 um livro que resultou das suas investigações sobre música e alteridade. O livro aqui revisto busca uma estética musical baseada na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1895-1975), procurando criar, assim, um espaço de diálogo entre as diferentes pesquisas e abordagens sobre a música, que consideram isoladamente os sujeitos envolvidos no acontecimento musical e as suas relações, os contextos sociais e culturais ou os processos criativos e a estética.

Bakhtin foi um filósofo, filólogo, teórico da literatura e historiador da cultura russa que viveu entre 1895 e 1975. A justificação para uma abordagem interdisciplinar entre estética musical e a filosofia da linguagem deste pensador russo apresenta-a Petracca sobretudo nas considerações bakhtinianas sobre estética e criação da obra de arte, mas também nas aproximações do filósofo russo a noções musicais e da musicologia para pensar a literatura e o discurso, afirmando, por exemplo, sobre a noção de *polifonia*, que as relações de contraponto na música são, como na literatura, variedades das mesmas *relações dialógicas* entre sujeitos. Para quem lê em português, a obra de Bakhtin encontra-se acessível numa série de traduções cuja autoria não é questionada e em duas traduções cuja publicação original surgiu com outras assinaturas. As segundas, apareceram, em 2005, *O Freudismo*, pela editora Perspectiva, e em 2006, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, pela Hucitec. As primeiras foram *Estética da criação verbal*, em 2003, pela Martins Fontes, *Problemas da poética de Dostoiévsky*, em 2008, pela Editora Forense Universitária, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, em 2010, pela Hucitec, e *Para uma filosofia do ato responsável*, publicada em 2010 pela Pedro & João Editores e em 2014, com o título *Para uma Filosofia do Acto*, pela Deriva Editores.

Em *Música e Alteridade: uma abordagem bakhtiniana*, Ricardo Petracca averigua uma diferente e mais aberta perspetiva para a compreensão da música reconhecendo-a como uma emergência de sentidos advindos de diferentes discursos que participam num mesmo enunciado musical. A sua proposta funda-se no conceito de *dialogismo* do pensador russo, usando-se ainda de outras noções bakhtinianas, como *sujeito relacional*, *acto estético*, *género discursivo primário* ou *género discursivo secundário*. No primeiro capítulo, após alguns esclarecimentos sobre a receção da obra de Bakhtin no contexto académico brasileiro, Petracca introduz, clarifica e aproxima as concepções bakhtinianas à sua própria reflexão sobre a música. Desde logo, as noções de *ato* e *evento* são apresentadas numa consideração simultânea com o “produto” ou “objeto estético”. Assim, uma obra musical não é apenas *dada* como produto acabado. O *ato estético* envolve tanto o ato de criação como o ato de perceção e, nesse sentido, qualquer obra de arte é também um *postulado*, incluindo em si as relações de sentido estabelecidas pelo autor e pelo contemplador. A compreensão do ato criativo, por exemplo de uma composição musical, não se dá, por isso, somente por meio da obra realizada, mas é ampliada na relação dialógica estabelecida entre o autor e os ouvintes no *evento* musical.

Assim é, de acordo com Petracca e Bakhtin, porque a origem do movimento da obra musical é a alteridade. O autor ou compositor da obra de música, o *autor-artista*, é um sujeito em relação dialógica que participa do *ato estético* e enuncia algo quando se posiciona perante outros sujeitos. Há um dialogismo inerente à criação formal da obra de música. É deste modo que é criticada uma “estética do material”, tanto na sua vertente expressiva – que considera a obra de arte como expressão exterior de algum estado interior do autor – como na sua vertente impressiva – que considera a criação da obra como um ato unilateral. Para Petracca como para Bakhtin, a forma, o conteúdo e o material da obra de arte são indissociáveis de considerações espaciais, temporais e de sentido.

Sobre o conteúdo da atividade artística criadora, e sempre em diálogo com Bakhtin, Petracca escreve que o *objeto estético* é enformado (ou ganha forma) arquetonicamente durante as relações dialógicas que o autor estabelece com a alteridade. Diferentemente, portanto de um procedimento formalista e monológico utilizado para manipular o material. No primeiro caso, resulta do ato de criação um isolamento da atividade estética realizada no material, é o ato de “tomada de posse do autor”. No segundo caso, o ato de criação transforma-se numa atividade meramente técnica.

Nos dois capítulos seguintes, Petracca aproxima as noções bakhtinianas de *género discursivo primário* e *género discursivo secundário* a uma reflexão ampla sobre a música em dois contextos distintos: o da comunicação discursiva imediata e o do diálogo representado. Os géneros discursivos caracterizam-se num conjunto de enunciados mais ou menos estáveis, atrelados a uma esfera de ação e a uma historicidade. São tanto discursos orais como escritos, sendo os

primeiros parte integrante dos mais complexos segundos. Ao aproximar à música estas noções, Petracca fala em *género musical primário* e *género musical secundário*. Para investigar o primeiro, o autor do livro estuda algumas pesquisas etnomusicológicas sobre a música do povo *suyá* (Mato Grosso, Brasil). Trata-se de música formada nas condições de comunicação discursiva (musical) imediata, música de transmissão oral e com uma indissociável participação comunitária. Petracca posiciona-se contra uma conceção universalista da música e promove uma conceção culturalista, que afirme as relações de sentido e os valores que cada cultura estabelece na interação entre indivíduo e sociedade como parte integrante das estruturas musicais, da própria música. É apenas no diálogo que se criam os significados ou sentidos musicais a que nenhum dos interlocutores tem acesso isoladamente. Para a compreensão plena do objeto musical é necessária uma atividade dialógica na qual se preserva uma condição de exterioridade e de distanciamento. Neste sentido, o estudo do género discursivo (ou musical) amplifica uma elucidação das relações de alteridade implicadas em diferentes enunciados musicais e, particularmente em relação aos estudos etnomusicológicos, permite um afastamento de uma perspectiva etno-eurocêntrica fundada exclusivamente nos procedimentos formais (materiais) da música.

Sobre o *género musical secundário*, relativo à música que existe no contexto do diálogo representado, Ricardo Petracca apresenta o texto como espaço formal de interação entre sujeitos. Trata-se, portanto, de música escrita, composta com o intuito de ser representada num espaço de comunicação não imediata. Para acerrar a compreensão desta música da noção de alteridade, o autor do livro discute diferentes pesquisas analíticas da música de alguns compositores brasileiros realizadas sob o pretexto da intertextualidade. O objetivo é o de evidenciar, a partir de relações constatadas entre textos musicais, diferentes tipos de relações dialógicas que se estabelecem na música entre sujeitos. O compositor é apresentado, assim, como sujeito relacional que participa de uma cadeia comunicativa e se posiciona em relação a outrem. Petracca escreve que há dois aspetos, que não estão dissociados, a considerar no texto musical. Um é o *aspecto estável*, aquele que possibilita a sua reprodução. Outro é o *aspecto único*, a qualidade irrepitível da sua enunciação. Uma estética musical da alteridade no contexto da representação dialógica da música apresenta o *outro* não apenas como interlocutor do compositor, mas também enquanto alguém que, de um ou de outro modo, comparticipa na configuração final da obra de música, na singularidade do seu evento. A intertextualidade na música não está, deste modo, necessariamente restrita a uma relação de influência entre textos. Há uma mais ampla intertextualidade que engloba uma relação de comparticipação na construção do sentido da obra musical. Antes das considerações finais, o autor de *Música e Alteridade* reitera a sua crítica à tendência para entender a música, e as obras de arte em geral, como objetos desvinculados da perceção que temos sobre eles. Sublinha ainda que os estudos musicológicos privilegiam o aspeto formal (estável) da

música, esquecendo que a estrutura da obra musical é intrinsecamente um produto da interação social.

As conclusões de Petracca para uma estética musical da alteridade baseada na filosofia da linguagem de Bakhtin permitem sublinhar o carácter comunicacional da música, tanto como género primário como secundário, num contexto de comunicação discursiva imediata ou num contexto de diálogo representado. Petracca mostra como uma aproximação a Bakhtin é reveladora das relações dialógicas entre os diferentes sujeitos que participam do evento musical. Destaca ainda os aspetos e valores constitutivos da obra musical que são compreendidos por meio dessa relação de alteridade. O grande contributo desta perspetiva para o pensamento filosófico sobre música é a sua capacidade de inclusão da Música, como um todo, nas propostas que apresenta. Petracca promove verdadeiramente um diálogo e uma abertura entre as áreas de pesquisa sobre música que, tendencialmente, se desenvolvem no sentido de uma especialização fragmentária e unilateral, como as pesquisas etnomusicológicas, as investigações analíticas da musicologia ou, acrescentaria eu, como a Filosofia da Música, que se centra e concentra sobretudo na música de tradição escrita do contexto estético e cultural do ocidente. O autor aponta, assim, para uma estética musical desvinculada de preconceitos, abrangente e agregadora da alteridade do outro e de outras músicas. O livro *Música e Alteridade: uma abordagem bakhtiniana* exorta uma mais ampla reflexão sobre a música na filosofia, deixando ainda um convite a futuras e promissoras investigações que aproximem as propostas de Bakhtin ao pensamento sobre a obra de arte.

Margarida Teixeira Neves

Unidade I&D Instituto de Estudos Filosóficos
nevesmargarida87@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_55_10

Frédéric Gros. *Désobeir*. Paris: Albin Michel/Flammarion, 2017, 265 pp. ISBN: 978-2226395283,

Até que ponto é legítimo obedecer? Em torno desta questão central, Frédéric Gros constrói um contundente ensaio sobre a política contemporânea e, ainda mais precisamente, sobre nossa relação cotidiana com os desmandos que imperam na vida pública: as muitas contradições do sistema democrático; os discursos de ódio; a *langue de bois* do mundo político; as desigualdades que proliferam a largos passos, mescladas a discursos de integração, igualdade, liberdade.

Certo torpor toma conta das pessoas, que correm o risco de se ver cada vez mais destituídas de autonomia para reagir, para fazer frente a um quadro onde o abuso de poder se dá nas filigranas. Há também certa anemia da participação política e, neste contexto, a obediência se pode converter em desresponsabilização